

China

Nova potência mundial

Contradições e lógicas que vêm transformando o país

Martin Jacques

Gabriele Battaglia

Elias Jabbour

Andrea Fumagalli

Júlio César Rodriguez

José Eustáquio

Valéria Lopes Ribeiro

Michael Kelly

Francesco Sisci

Guilherme Wisnik

Irene Chan

Eugenio Menegon

Andrés Malamud

Leia também

■ Dossiê Antonio Candido

Luís Augusto Fischer

Walnice Galvão

Ian Alexander

■ Anselmo Otavio



China, nova potência mundial

Contradições e lógicas que vêm transformando o país

Compreender a China e sua ascensão no atual cenário internacional é o desafio de inúmeros analistas internacionais. Cada vez é mais evidente que as categorias ocidentais não servem para análises de uma realidade que, de tão múltipla e complexa, chega a parecer contraditória.

Na presente edição da revista **IHU On-Line**, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras aceitaram debater a China como um ator importante no século XXI.

Martin Jacques, jornalista e analista político britânico, passou a viver na China e compreendeu: “A razão pela qual o Ocidente vem tendo tanta dificuldade em entender a China é que a mentalidade ocidental é a de pensar o mundo em seus próprios termos, tentar encaixar as coisas neles. A China não se encaixa aí”.

Gabriele Battaglia, também jornalista, fez um movimento similar e trocou a Europa por Pequim. Para ele, a China é uma “civilização introvertida”, mas que não se fecha em si mesma e busca na conexão com o mundo as possibilidades de atualizar e constituir de forma muito particular seu império.

O professor **Elias Marco Khalil Jabbour**, da UERJ, observa justamente as particularidades do “império Chinês” que, por mais contraditório que possa ser, se impõe sem ser imperialista. Para **Andrea Fumagalli**, professor da Università di Pavia, Itália, divisões do momento da Guerra Fria já podem estar superadas. Agora, capitaneado pela China, o mundo pode se dividir na disputa entre Norte e Sul. O professor no curso de Relações Internacionais da UFSM **Júlio César Cossio Rodriguez** também observa mudança no cenário internacional, pois vê na ascensão chinesa um processo de redistribuição do poder.

José Eustáquio Diniz Alves, professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - Ence/IBGE, chama atenção para o fato de que a ascensão chinesa nesse novo cenário geopolítico leva o país a ampliar seus territórios. **Valéria Lopes Ribeiro**, professora no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC, ao analisar o crescimento da China sobre países da África, identifica outra lógica do que a imposta no passado por nações europeias.

Michael Kelly, jesuíta australiano que vive no Tailândia, chama atenção para fatores que podem

frear essa expansão da influência chinesa pelo mundo. **Francesco Sisci**, especialista na civilização e história chinesas, concorda que a China cada vez mais se volta para o Ocidente, mas destaca que ainda há muitas lacunas. **Guilherme Wisnik**, professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, analisa a hiperurbanização de um país que vem transformando aldeias de pescadores em cidades gigantescas, afetando a cultura local e a saúde do planeta.

Irene Chan analisa como a China soube se aproveitar de situações geradas a partir da crise financeira dos anos 2000. O professor da Universidade de Boston **Eugenio Menegon** afirma que o Partido Comunista, que capitaneia o crescimento do país, teme discussão e discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos. E o professor **Andrés Malamud** analisa as relações comerciais entre China e países da América Latina.

No ano em que se celebra o centenário de Antonio Candido, os professores **Luís Augusto Fischer**, **Walnice Galvão** e **Ian Alexander** analisam o legado do sociólogo e crítico literário que marcou o pensamento brasileiro.

Também pode ser lido o artigo **Cheetahs, Hippos, Mugabe e as eleições gerais de 2018 no Zimbábue**, de Anselmo Otavio, professor de Relações Internacionais da Unisinos e pesquisador do Centro Brasileiro de Estudos Africanos - CEBRAFRICA/UFRGS.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.



Capa: Muralha da China | Foto: Dennis Jarvis – Flickr

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Dossiê Antonio Candido | Luís Augusto Fischer:** Antonio Candido foi o intelectual mais destacado de sua geração
- 18 ■ **Dossiê Antonio Candido | Walnice Nogueira Galvão:** Constituição da literatura brasileira foi tema central para Candido
- 22 ■ **Dossiê Antonio Candido | Ian Alexander:** Candido e Bloom procuram entender a tradição literária no Novo Mundo
- 28 ■ **Tema de capa | Martin Jacques:** Com as lentes do Ocidente, a China é invisível
- 35 ■ **Tema de capa | Gabriele Battaglia:** Ver em camadas o cruzamento dos mundos
- 38 ■ **Tema de capa | Elias Jabbour:** Da união do privado com o Estado, uma outra ideia de império
- 41 ■ **Tema de capa | Andrea Fumagalli:** Uma nova configuração geopolítica que supera a divisão Oriente X Ocidente
- 46 ■ **Tema de capa | Júlio César Rodriguez:** O protagonismo chinês e o processo de redistribuição do poder
- 50 ■ **Tema de capa | José Eustáquio:** A ascensão da China, a disputa pela Eurásia e a Armadilha de Tucídides
- 60 ■ **Tema de capa | Valéria Ribeiro:** O avanço chinês sobre nações periféricas subverte lógica do imperialismo neoliberal
- 65 ■ **Tema de capa | Michael Kelly:** As ameaças que podem impedir a ascensão chinesa
- 70 ■ **Tema de capa | Francesco Sisci:** Catolicismo: uma ponte para ligar a China ao mundo
- 74 ■ **Tema de capa | Guilherme Wisnik:** Da vila de Mr. Sun à hiperurbanização chinesa
- 80 ■ **Tema de capa | Irene Chan:** China pode ultrapassar economia dos EUA nesta década
- 83 ■ **Tema de capa | Eugenio Menegon:** China é um Estado capitalista autoritário e paternalista com características socialistas
- 88 ■ **Tema de capa | Andrés Malamud:** Brasil entra em colapso econômico sem o mercado chinês
- 90 ■ **Crítica internacional | Anselmo Otavio:** Cheetahs, Hippos, Mugabe e as eleições gerais de 2018 no Zimbábue
- 93 ■ **Publicações | Paulo Suess:** A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*
- 94 ■ **Publicações | José Roque Junges:** O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social
- 95 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnechi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia

Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Lidiane Menezes.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

China é um Estado capitalista autoritário e paternalista com características socialistas

Eugenio Menegon afirma que o Partido Comunista teme discussão e discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos

João Vitor Santos | Tradução: Luisa Somavilla | Edição: Vitor Necchi

Mesmo que um verniz ideológico ainda seja ensinado e adotado pelos burocratas, a China cresceu a partir de um modelo nacionalista baseado no crescimento econômico. “O modelo político da República Popular da China é de um Estado capitalista autoritário e paternalista com características socialistas”, define Eugenio Menegon. “Na verdade, é um paradoxo apenas na superfície.” Na sua visão, o país “tem aproveitado as novas tecnologias para exercer controle sobre a dissidência e a população em geral, reprimindo as minorias étnicas”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele cita “o triste caso de Hong Kong”, que mostra o quanto o Partido Comunista teme, principalmente, “a discussão e a discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos da China”. Reconhece, no entanto, que “o nacionalismo, a ‘privatização’ da vida individual e a riqueza econômica são os elementos que os indivíduos, principalmente grande parte das novas gerações, estão dispostos a apoiar e a seguir”.

Menegon aponta que “o crescimento econômico tem sido fundamental para a ascensão da China”. Notadamente nos últimos 40 anos, “a liderança

chinesa conseguiu desencadear forças empresariais reprimidas na China e dar liberdade suficiente para permitir às pessoas ‘enriquecer’ e criar alguma ‘esfera privada’ para aproveitar a vida”. Ressalva ainda que nem todos venceram nesse processo, pois “ainda há regiões pobres e principalmente grupos étnicos como os uigures, em Xinjiang, e os tibetanos, que foram o lado perdedor da história (para não falar no meio ambiente)”.

Ao analisar as transformações mais significativas que o país vem vivendo desde o período imperial, Menegon afirma que “a distribuição de terras aos camponeses pelos comunistas, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950, é, sem dúvida, a mudança mais importante trazida pela revolução”. Com isso, “uma estrutura de classes antiga foi reformulada”.

Eugenio Menegon é graduado em Línguas e Literaturas Orientais pela Universidade de Veneza, na Itália, mestre em Estudos Asiáticos e doutor em História pela Universidade da Califórnia em Berkeley. É professor de História da China na Universidade de Boston.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Dentro do próprio Oriente, a China tem muitas especificidades. Quais as principais diferenças do modelo chinês na comparação com outros países? E como compreender o protagonismo que a China

vem assumindo na relação com outros países orientais?

Eugenio Menegon – O modelo político da República Popular da China - RPC é de um Estado capitalista autoritário e paternalista com

características socialistas. Na verdade, é um paradoxo apenas na superfície. Embora o verniz ideológico comunista ainda seja ensinado e usado por burocratas, o país desenvolveu-se no sentido de um modelo nacionalista alimentado pelo crescimento

econômico e tem aproveitado as novas tecnologias para exercer controle sobre a dissidência e a população em geral, reprimindo as minorias étnicas.

Um número relativamente pequeno de pessoas do Partido Comunista da China exercem controle sobre os mecanismos de poder, em conjunto com familiares e aliados políticos e com o apoio de grandes empresas. Isso faz com que o Estado chinês seja mais capaz de resistir a tempestades econômicas e políticas do que sociedades democráticas, mantendo o fetiche da “estabilidade” a todo custo. O principal significado é ter uma administração estável praticada pelo Partido Comunista, para sempre.

A recente concentração de poder nas mãos de Xi Jinping¹ representa uma involução no modelo de liderança coletiva e mudança geracional introduzido por Deng Xiaoping² em 1978 para remediar os excessos do maoísmo³. O tamanho e a economia do país, bem como suas despesas militares nos últimos tempos, tornam a RPC uma força formidável na Ásia Oriental. Mas este é um modelo político, não cultural. Sociedades chinesas como Taiwan evoluíram

pacificamente no sentido do pluralismo e da democracia. Ser chinês não impede que haja democracia. O triste caso de Hong Kong mostra que o que o Partido Comunista teme é principalmente a discussão e a discórdia, bem como o exercício da escolha democrática dos cidadãos da China. No entanto, hoje, na China, o nacionalismo, a ‘privatização’ da vida individual e a riqueza econômica são os elementos que os indivíduos, principalmente grande parte das novas gerações, estão dispostos a apoiar e a seguir. Enquanto a economia vai bem, o Partido Comunista está bem, mesmo sem uma reforma política (que definitivamente não está em pauta).

IHU On-Line – A partir de uma perspectiva histórica, como compreender o protagonismo que a China vem assumindo no cenário global nos últimos anos?

Eugenio Menegon – Já ouvi o seguinte: “É a economia, tolinho!”. Certamente, o crescimento econômico tem sido fundamental para a ascensão da China. Nos últimos 40 anos, a liderança chinesa conseguiu desencadear forças empresariais reprimidas na China e dar liberdade suficiente para permitir às pessoas “enriquecer” e criar alguma “esfera privada” para aproveitar a vida. Nem todos venceram nesse processo, ainda há regiões pobres e principalmente grupos étnicos como os uigures, em Xinjiang, e os tibetanos, que foram do lado perdedor da história (para não falar no meio ambiente).

A tecnologia hoje oferece soluções para a China ser um verdadeiro líder global e tentar reduzir os problemas da rápida industrialização, corrigindo os danos ambientais e sociais com melhor infraestrutura e novas tecnologias. Mas não há nenhuma mudança política à vista. Sugiro procurar a fantástica série de Anuários da China para obter mais informações e também o comentário do grande especialista no assunto, Ge-

remie Barmé⁴, para ter uma melhor compreensão das raízes profundas de mudança e continuidade.

IHU On-Line – Quais as transformações mais significativas que o país vem vivendo desde o período imperial?

Eugenio Menegon – A distribuição de terras aos camponeses pelos comunistas, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950, é, sem dúvida, a mudança mais importante trazida pela revolução. Uma estrutura de classes antiga foi reformulada. As relações de gênero também se equalizaram, chegando à nova lei de casamento em 1950. Quando as coisas não davam certo, a pretensão do Estado era direcionar a economia ao centro e deixar a ideologia, e não a tecnologia e o conhecimento, determinar a política.

O desastre do Grande Salto para a Frente e a fome que aconteceu a seguir, assim como a Revolução Cultural⁵, foram tentativas de Mao de conservar o poder e implementar a “revolução contínua”. Isso impediu o avanço da China como uma nação moderna durante décadas. Os Es-

1 **Xi Jinping** (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na província vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista Time. Em 2017, foi eleito pelo The Economist o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Deng Xiaoping** (1904-1997): foi o secretário-geral do Partido Comunista da China, sendo, de fato, o líder político da República Popular da China entre 1978 e 1990. Criador do chamado socialismo de mercado, regime vigente na China moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Mao Tsé-Tung** (1893-1976): ditador, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação, em 1949, até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo e suas estratégias militares e políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e, posteriormente, conduzindo o Partido Comunista Chinês até a vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Geremie Barmé** (1954): australiano, doutor em Estudos Asiáticos, diretor do Australian Centre on China in the World, professor de História da China e cineasta. Também trabalhou como jornalista, tradutor e escritor. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Revolução Cultural Chinesa**: ou Grande Revolução Cultural Proletária, foi uma profunda campanha político-ideológica iniciada em 1966 na República Popular da China pelo então líder do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-Tung. O objetivo era neutralizar a crescente oposição que lhe faziam alguns setores menos radicais do partido, em decorrência do fracasso do plano econômico Grande Salto Adiante (1958-1960), cujos efeitos acarretaram a morte de milhões de pessoas em decorrência da fome generalizada, conhecida como a Grande Fome Chinesa. A campanha foi acompanhada por vários episódios de violência, instigada principalmente pela Guarda Vermelha, por grupos de jovens oriundos dos mais diversos setores (militares, camponeses, estudantes, elementos do partido, governo etc.) que, organizados nos chamados “comitês revolucionários”, atacavam suspeitos de deslealdade política ao regime, à figura de Mao e ao Maoísmo, a fim de consolidar (ou restabelecer) o poder do líder onde fosse necessário. Os alvos da revolução eram membros do partido mais alinhados com o Ocidente ou com a União Soviética, funcionários burocratas e, sobretudo, intelectuais. Como na intelectualidade se encontravam alguns dos potenciais inimigos da revolução, o ensino superior foi praticamente desativado no país. Foi neste período que se alavancou a produção e distribuição de *O Livro Vermelho*, coletânea de citações de Mao que exaltam sua ideologia e professam uma forma de culto à sua personalidade. O movimento acabou enfraquecendo os adversários de Mao e representou uma depuração partidária contra o revisionismo que se insinuava. O processo foi oficialmente terminado por Mao durante o 9º Congresso do Partido Comunista da China, em abril de 1969. Especialistas afirmam que ele durou, de fato, até a morte de Mao, em 1976, e a subida ao poder de Deng Xiaoping, então secretário-geral do partido, o qual, gradualmente, deu início às mudanças nos rumos políticos e econômicos do país. (Nota da **IHU On-Line**)

tados Unidos, o Ocidente e a União Soviética colaboraram para deixar a China sem saída ideologicamente. Desde 1978, a adoção do “capitalismo com características chinesas” impede os problemas do esquerdismo ideológico, mas deixa a verdadeira reforma política estagnada.

IHU On-Line – Como a China de hoje apreende o Ocidente, de questões culturais a econômicas?

Eugenio Menegon – A China é um país. Talvez seja melhor falar do que compõe a China em sua dimensão humana: seu povo, seus políticos e burocratas, acadêmicos... A China é tão grande quanto a Europa e muito mais populosa. É um lugar complicado e diversificado. A visão do governo sobre o “Ocidente” (que hoje já não existe: deve-se falar em Estados Unidos, União Europeia e assim por diante) também é um cenário complicado. Existem diferentes políticas em relação a diferentes atores: os Estados Unidos de Trump⁶ ainda fazem parte de um “Ocidente” monolítico? Xi Jinping abraçou o manto da globalização contra o protecionismo dos Estados Unidos e outros populismos europeus.

Em termos de cultura, em nível popular, as indústrias da cultura e do entretenimento dentro da China são tão grandes, e o mercado interno é tão grande, que o discurso interno pode se sustentar sem fazer referência ao “Ocidente”. Isso não significa que as formas culturais do mundo exterior não são adotadas (música pop sul-coreana, rap, filmes de Hollywood), mas são reinterpretadas e às vezes politicamente adaptadas na China. Alguns artistas ainda estão tentando resistir e ter consciência crítica, mas é difícil. Muitos deles são mais

conhecidos fora do que na própria China. Os acadêmicos ficam entre a linha política do Partido Comunista e sua própria integridade intelectual. Eles andam sobre um terreno difícil e poucos se atrevem a falar o que pensam. Porém, ainda há debates acadêmicos e artísticos, de maneiras mais prudentes e sigilosas.

IHU On-Line – A China é muito coesa no que diz respeito a questões culturais. A forma como os chineses protegem sua cultura de influências externas pode ser uma chave para também se compreender sua ascensão econômica e geopolítica? Como?

Eugenio Menegon – Não acredito que “proteger a cultura chinesa” seja uma questão. A cultura da China não corre o risco de extinção. Na verdade, minha esperança é que pessoas fora da China aprendam mais sobre seus povos e culturas, pelo menos tanto quanto muitos chineses sabem sobre as nossas culturas. As subculturas sociais e culturas étnicas dentro da China (uigures, tibetanos e outras minorias) correm o risco de ser destruídas pelo chauvinismo Han⁷ e a homologação tecnológica ou domesticadas pelo turismo e pelo exotismo.

IHU On-Line – O conceito de humanismo, como conhecemos no Ocidente, aparece de alguma forma na cultura chinesa? Quais as implicações sociais e políticas disso?

Eugenio Menegon – A China tem uma excelente tradição de humanismo, desde a Antiguidade. Ser alguém melhor era uma preocupação de muitos de seus filósofos, de Confúcio⁸ a Chuang-Tzu⁹ e toda a

tradição confucionista. O indivíduo muitas vezes era incorporado à coletividade (família, Estado), mas ainda há um profundo sentimento de que, no final, temos que enfrentar a eternidade como indivíduos também. Segundo o historiador Sima Qian¹⁰, da dinastia Han, “千人之諾諾不如一士之諤諤” – a condescendência da multidão não se compara à recusa de uma pessoa” (Sima Qian – 司馬遷, século I a.C.). Isso não mostra como o indivíduo chinês tem uma responsabilidade de enfrentar a injustiça, a subserviência e o populismo? Isto tem consequências importantes na política: imperativos éticos individuais, que também são as bases do bem comum, devem enfrentar as injustiças cometidas pelos poderosos, mesmo à custa da morte.

IHU On-Line – A relação econômica entre China e países do Ocidente pode implicar também em assimilação de valores culturais chineses?

Eugenio Menegon – Precisamos aprender sobre a China e sua cultura, cada vez mais. A cultura chinesa como um todo tem muito a oferecer ao mundo, e até agora nós compramos suas mercadorias, mas pouco compreendemos os valores culturais chineses. Aqui eu falo sobre o sólido material transmitido a partir da Antiguidade e os pensamentos inovadores de intelectuais e artistas de vanguarda, antes de serem assimilados e comercializados na China e no mercado internacional de ideias e artefatos. O artista Ai Weiwei¹¹ é um

⁶ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Han**: maior grupo étnico da China (e de todo o mundo), representando quase 92% da população chinesa, ou seja, mais de 1,24 bilhão de pessoas (cerca de 18% da população mundial). (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Confúcio** (551-479 a.C.): nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. É a figura histórica mais conhecida na China como filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência sobre toda a Ásia oriental. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Chuang Tzu**: influente filósofo taoísta (daoísta) chinês do século 4 a.C. Muitas vezes conhecido como Zhuangzi (“Mestre Zhuang”), viveu durante os Reinos Combatentes, período correspondente ao cume da filosofia chinesa, o

período das cem escolas de pensamento. Sua filosofia foi muito influente no desenvolvimento do budismo zen, que evoluiu incorporando seus ensinamentos. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Sima Qian** (145 a.C.-90 ou 85 a.C.): astrônomo, matemático e historiador chinês da dinastia Han do Oeste, considerado o primeiro grande historiador chinês. Filho de historiadores, Sima Qian fez várias viagens com seus pais e acabou conhecendo diferentes lugares, realizando um esforço de interpretação do que via. Quando adulto, foi promovido a funcionário da corte chinesa, escrevendo sua principal obra, o *Shiji*. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Ai Weiwei** (1957): nascido em Pequim, é artista plástico, designer arquitetônico, pintor, comentarista e ativista social. Foi assessor artístico na construção do Ninho de Pássaro (Estádio Nacional de Pequim), onde foram celebrados os Jogos Olímpicos de Pequim de 2008. Em 3 de abril de 2011, Ai Weiwei acabou preso pelas autoridades chinesas quando embarcava para Hong Kong. Poucas horas após sua detenção, seu estúdio em Pequim foi invadido por mais de 40 policiais, que confiscaram dezenas de itens e funcionários foram interrogados. Passou três meses detido num local secreto. Em 21 de novembro de 2011,

brilhante exemplo de integridade e genialidade, bem como de independência do poder. Eu não necessariamente incluíria entre os melhores exemplos da difusão cultural chinesa a versão higienizada e politizada difundida pelos Institutos Confúcio, embora acredite que mesmo essas instituições têm um papel positivo em despertar o mundo exterior para a importância e a beleza dos valores da cultura chinesa.

“A distribuição de terras aos camponeses pelos comunistas, entre o final dos anos 1940 e início dos 1950, é, sem dúvida, a mudança mais importante trazida pela revolução”

IHU On-Line – A partir das alianças que a China vem estabelecendo com diversos países, tanto no Oriente como no Ocidente, podemos considerar que estamos diante de um outro processo de colonização? Por quê?

Eugenio Menegon – Essa onda de “colonização chinesa” é puramente econômica por enquanto.

foi divulgada uma foto em que Ai Weiwei e mais quatro mulheres aparecem nus. No dia 3 de agosto de 2018, o ateliê do artista, nos arredores de Pequim, foi destruído. Antes, várias pessoas retiraram obras do prédio. Ele se encontra em Berlim, onde vive desde 2015, depois que recuperou seu passaporte. (Nota da **IHU On-Line**)

Os países de terceiro mundo e particularmente seus líderes (que são corruptíveis) têm a responsabilidade de decidir se os acordos são justos ou coloniais. As organizações econômicas internacionais precisam prestar atenção e ajudar as economias pobres a andar com os próprios pés, sem se render a nenhum poder único (os Estados Unidos fizeram isso no passado, agora China e outros juntaram-se). Se a China ‘entrega as mercadorias’ sem os meios de produção, manipulando as finanças de um país e controlando a mão de obra local, respeitando as regras democráticas, permitindo que os países escolham seu próprio caminho de desenvolvimento, não vou ser eu o hipócrita a apontar o dedo para Beijing. Mas isso SE...

IHU On-Line – Tomando como exemplo o cristianismo na China, podemos falar que há no país um processo de inculturação da fé cristã e valores mais ocidentalizados? Por quê?

Eugenio Menegon – O cristianismo, relativamente falando, é uma nova fé na China. As raízes da Igreja Católica atual vêm dos anos 1580; das Igrejas Protestantes, dos anos 1850. O budismo chegou à China no ano 200 a.C. Por isso, obviamente, tem uma história mais longa como religião estrangeira. Deve haver 12 milhões de católicos e de 75 milhões a 100 milhões de protestantes na China hoje, todos sob a liderança chinesa. Os protestantes, principalmente os evangélicos, são a religião que mais cresce na China hoje, e é difícil contar e controlar as igrejas cristãs. Com igrejas nacionalmente reconhecidas ou com raízes locais, a inculturação está de fato acontecendo. A real questão é a repressão e o controle do governo: é uma longa tradição chinesa que não vai desaparecer tão cedo.

IHU On-Line – Como o senhor observa as relações entre a China e o Vaticano?

Eugenio Menegon – Acho que o Partido Comunista tem mais vantagens nessa relação, e o Vaticano está em uma posição mais fraca na negociação. Moldar seus princípios para se ajustar ao governo chinês não necessariamente será bom para os católicos na China. Estudei a história de um determinado lugar na China, onde a confrontação com o governo não é novidade. A sociedade está mudando, e para o catolicismo o verdadeiro desafio é a migração maciça do campo para a cidade: a base rural da igreja está desaparecendo, e os católicos não estão inovando nem se espalhando em cidades, como os evangélicos e outros protestantes. Acho que a urgência do Vaticano de se “resolver” com a República Popular da China e encontrar um lugar legítimo no país pode ser muito mais um sinal de ansiedade acerca destas mudanças sociorreligiosas do que qualquer outra coisa.

IHU On-Line – Qual a influência dos missionários cristãos, especialmente os jesuítas, na China a partir do século XVI?

Eugenio Menegon – A influência dos missionários jesuítas na China ficou mais visível em projetos de construção do Estado, na corte imperial, durante os séculos XVII e XVIII. O impacto dos métodos científicos europeus introduzidos pelos jesuítas, no entanto, fica circunscrito, já que permaneceram limitados principalmente ao governo dinástico para projetos de alta segurança (cartografia, balística). Algumas ideias (desde matemática e astronomia até a perspectiva geométrica na pintura) se espalharam entre os membros de um pequeno setor das elites intelectuais, mas eu diria que foi o impulso das missões do século XIX, depois de 1850 (principalmente protestantes e urbanas), que realmente exerceram uma influência duradoura na China (na medicina, na ciência, na engenharia, na educação), visível ainda hoje. ■